

O PERFIL SOCIOECONÔMICO DA PRODUÇÃO DE FUMO DE CORDA NO MUNICÍPIO DE PERDÕES, MG

THE SOCIOECONOMIC PROFILE OF ROPE SMOKE PRODUCTION IN THE CITY OF PERDÕES, MG

Ivair Gomes

Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de São João del-Rei
ivair@ufsj.edu.br

João Francisco de Oliveira Neto

Graduado em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei
chicocontat@gmail.com

Arlon Cândido Ferreira

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense
arloncf@gmail.com

Resumo

As possibilidades oriundas da modernização da agricultura brasileira provocaram uma série de indagações à respeito da forma como o homem atua no espaço rural. O fumo de corda, produto típico do Brasil, teve sua manufatura desenvolvida pelos indígenas e pouco se alterou até o começo dos anos 1980. O município de Perdões, localizado na mesorregião do Oeste de Minas e na Bacia Hidrografia do Rio Grande, apresentou condições favoráveis para a produção de fumo de boa qualidade, o que confirma a importância da atividade para o município. Por meio de questionários e referenciais teóricos, o seguinte trabalho discute algumas estratégias praticadas pelos produtores familiares com o intuito de resistir a hegemonia da agroindústria, investigando como elas afetam a estrutura tradicional da produção do fumo de corda. Apesar de ainda resistir a padronização industrial, o caráter transitório conduz à assimilação de novos pressupostos que não condizem com as noções de qualidade historicamente construídas e passadas entre as gerações dos produtores tradicionais.

Palavras-chave: Fumo de Corda. Agroindústria. Agricultura Tradicional. Produção Familiar. Perfil Socioeconômico.

Abstract

The possibilities arising from the modernization of Brazilian agriculture have provoked a series of questions regarding the way man works in rural areas. String smoke, a typical product of Brazil, had its manufacture developed by the indigenous people and little changed until the beginning of the 1980s. The municipality of Perdões, located in the mesoregion of the West of Minas and the River Grande Hydrography Basin, presented

favorable conditions for the production of good quality tobacco, which confirms the importance of the activity for the municipality. Through questionnaires and theoretical references, the following work discusses some strategies practiced by Family producers with the intuition of resisting the hegemony of agro-industry, investigating how they affect the traditional structure of the production of rope smoke. Despite still resisting industrial standardization, the transitory character leads to the assimilation of new assumptions that do not match the notions of quality historically built and passed on between generations of traditional producers.

Keywords: Rope Tobacco. Agroindustry. Traditional Agriculture. Family Production. Socioeconomic Profile.

Introdução

O fumo de corda é uma forma de consumir o tabaco típica do Brasil, desenvolvida pelos indígenas da região. Seu modo de manufatura permaneceu pouco alterado pelos diferentes modelos econômicos que influenciaram a forma de produção na história brasileira. Observar as tendências e dificuldades da produção do fumo de corda é, portanto, analisar as possíveis estratégias de resistência e adaptação desenvolvidas pela agricultura tradicional frente a hegemonia do sistema agroindustrial estabelecido no Brasil.

Os produtores de Perdões, município com aproximadamente 21.390 habitantes (IBGE, 2019), situado na mesorregião Oeste de Minas Gerais, ainda mantém uma lógica produtiva estruturada na agricultura familiar, destacando a produção de fumo de corda.

De acordo com os estudos do Historiador Jean Baptiste Nardi (1996), a produção brasileira de fumo de corda diminuiu sua participação da produção nacional de derivados do fumo de 542 Gr/Hab¹ em 1940 para 67 Gr/Hab nos anos 2000. Nesse contexto, os produtores familiares que compreendem a região da Bacia do Rio Grande ainda mantem a tradição.

É comum observar garagens e galpões abertos fora do horário comercial em Perdões, onde os produtores e demais funcionários, em sua maioria mulheres, confeccionam os rolos de fumo. A manufatura é delicada e exige uma mão-de-obra experiente, e sua produção é classificada como parte da agroindústria artesanal. Essa estrutura transitória entre a agricultura tradicional com a indústria cria uma série de conflitos nas noções de qualidade produtiva.

¹ Grama por habitante.

A informalidade é bastante presente no perfil dos produtores que buscam maior condição de competitividade com os cigarros de palha industrial que não utilizam o fumo de corda como matéria prima. Entretanto, as principais estratégias realizadas pelos produtores fazem parte de uma adaptação forçada aos paradigmas modernos da nova agricultura brasileira, das quais não leva em consideração o espaço como reprodução social, cultural e política, mas apenas econômica. Diversos estudos apontaram as dificuldades dos produtores familiares de tabaco em regiões como o Sul e o Nordeste Brasileiro, onde a indústria já é a protagonista das decisões produtivas.

O questionário realizado com dez produtores familiares de fumo de corda na cidade de Perdões indica o aumento da dependência de insumos que advém da indústria para o plantio do tabaco, entretanto as condições de produção ainda não são facilmente articuladas com o modelo agroindustrial.

Apesar da atividade ser relativamente rentável para o produtor, as dificuldades de expandir o mercado consumidor e de perpetuar os conhecimentos historicamente passados pelas gerações de produtores apresentam sérios riscos a produção artesanal do fumo-de-corda.

Metodologia

Devido a informalidade, a falta de registros determinou a necessidade da amostragem ser feita de acordo com as indicações de produtor para produtor. Como é descrito por Wilkinson, a estrutura tradicional de produção tem a informalidade como prática importante para que se desenvolva redes de escala regional que possibilitam a reprodução da qualidade e da reputação do produto.

Para possibilitar a análise do perfil socioeconômico dos produtores de fumo de corda foram aplicados 10 questionários em 2019, os quais revelaram fenômenos que contemplam o conflito entre o modelo tradicional e moderno da agricultura brasileira. Cada questionário foi dividido em 02 blocos, que representam os objetivos específicos da pesquisa. O primeiro bloco envolveu dados quantitativos realizados de forma estruturada, visando proporcionar dados capazes de serem mensurados. O segundo bloco envolve questões semiestruturados, buscando promover mais flexibilidade na abordagem das entrevistas, a fim de permitir uma melhor contextualização d realidade e singularidade de

cada produtor. A memória social de cada produtor também foi resgatada, pois foram disponibilizadas várias fotos, relatos e lembranças de tempos passados.

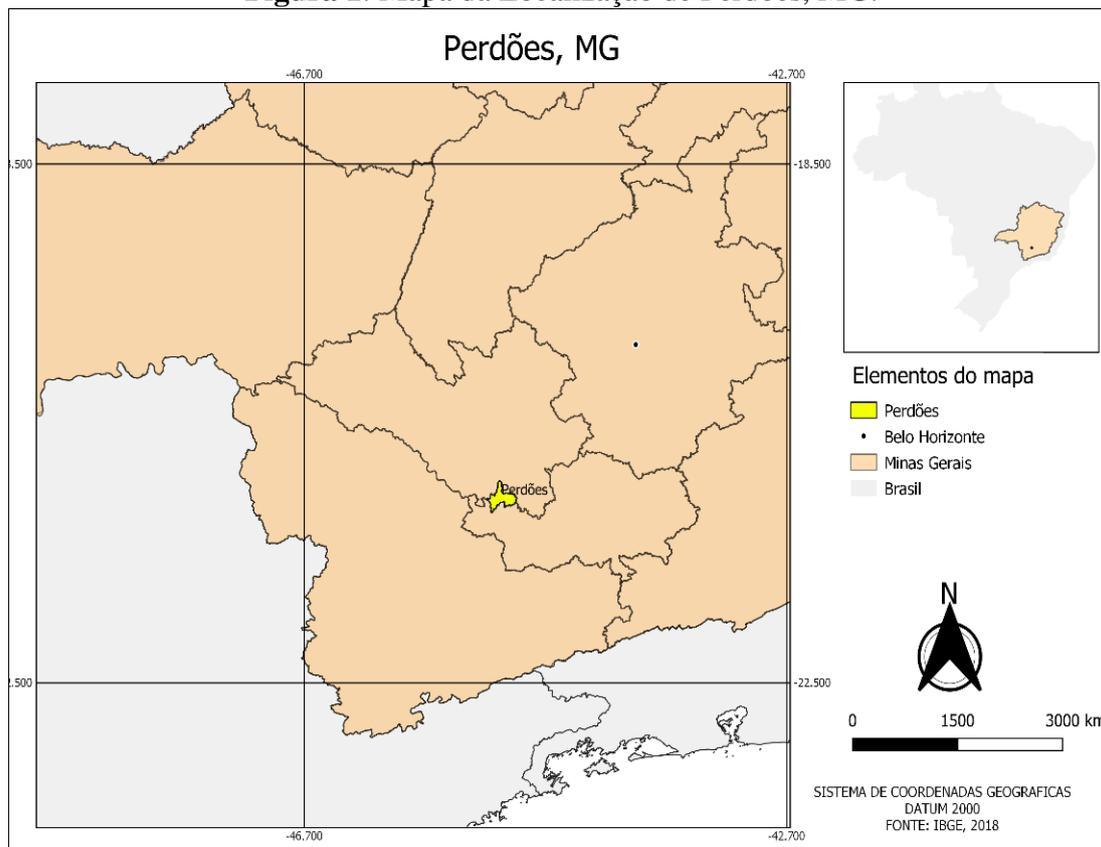
A escolha dos entrevistados foi feita abordando produtores de diferentes idades, áreas plantadas e produtividade, com intuito de promover uma noção temporal das modificações que vem sendo desenvolvida na dinâmica produtiva do fumo de corda.

Além dos dados levantados pelo trabalho, foi necessário contextualizar, geograficamente e historicamente o objeto de estudo para auxiliar no entendimento das modificações estruturais da produção nos últimos anos. O levantamento bibliográfico auxiliou a interpretação das tendências da produção analisadas através das estratégias econômicas dos produtores. Tais estratégias são ações de diversos vetores de influência e modificam não só o rendimento da produção, mas a forma como o produtor rural mantém sua cultura e resiste à grande indústria fumageira.

Contexto Geográfico

O município de Perdões está localizado na mesorregião Oeste de Minas e microrregião de Campo Belo, a 211 Km de Belo Horizonte. Seu Produto Interno Bruto tem grande participação da agropecuária e da indústria, entretanto sua localização nas margens da rodovia BR-381 (Rodovia Fernão Dias) desenvolveu o setor de prestação de serviços na participação do PIB municipal.

Seu território de 270,657 Km² está situado no afluente mineiro das vertentes do Rio Grande, e incorpora parte da Usina Hidroelétrica do Funil. A cidade faz divisa com Ribeirão Vermelho, Lavras, Ijaci, Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo, Santana do Jacaré, Cana Verde e Nepomuceno. (Figura 01).

Figura 1: Mapa da Localização de Perdões, MG.

Fonte: Autores (2020).

Como a maior parte dos povoados de Minas Gerais, o município de Perdões originou-se de um centro de mineração, sendo os seus primeiros habitantes Romão Fagundes do Amaral, Manoel Airão e Manoel Luiz Cardoso, que, em fins do século XVIII, andaram em explorações pelas margens do Rio Grande (ESTADO DE MINAS-GERAES, 1905). Com a decadência da mineração e a criação do município, as atividades agrícolas tornaram importantes atividades na região, tendo o café e o tabaco grande importância, o que pode ser evidenciado, desde 1912, no brasão do município, nele estão expostos os ramos de café (a direita) e o tabaco (a esquerda).

Figura 2: Brasão de Perdões.



Fonte: Prefeitura Municipal de Perdões (2020).

A vegetação da região é formada pela transição entre o cerrado e a floresta semi-decíduas do Sudeste do país. Seu clima apresenta chuvas irregulares durante o ano havendo pluviosidade alta nos meses de novembro a março e o período de seca durante abril e agosto. Segundo Nardi (1996), a região da Bacia do Rio Grande demonstrou condições adequadas para a produção de fumo de corda, principalmente por sua geomorfologia e variância pluviométrica, pois o tabaco é cultivado em uma grande amplitude de climas, necessitando de temperaturas médias entre 20 e 30° C e solos bem arejados e drenados, pois os mesmos são sensíveis ao encharcamento. (SCHMIDT, 2008).

O Fumo de Corda

O fumo de corda sempre esteve presente na história brasileira. Seu processo de manufatura foi desenvolvido pelos povos indígenas e caboclos que habitavam algumas áreas do território brasileiro (CARVALHO & CARVALHO, 2012), e seu uso tinha objetivos místicos fundamentais nos rituais praticados. Gonçalves (1996) relata a importância do tabaco para o povo Cariri Cearense ao descrever o mito fundador da tribo. Nele o território de Badze, o deus do fumo e civilizador do mundo, se compreende como toda região conhecida pela tribo, ou seja, o mundo Cariri.

Com a chegada dos colonizadores portugueses, a técnica usada para a produção do fumo de corda foi aperfeiçoada por meio da implementação de apetrechos que facilitaram a preparação das cordas e rolos. De acordo com essas ideias, Nardi (1996) descreve o fumo de corda como um produto típico e de origem brasileira.

Para Nardi (1996), a comercialização do fumo no Brasil começa por volta de 1570 nas regiões costeiras baiana e pernambucana para atender o consumo dos colonos, marinheiros em sua maioria, e mais tarde a comunidade europeia. A chegada do fumo brasileiro em Portugal demarca a propagação do produto pelo mundo, o tabaco ficou famoso entre a elite europeia por ser o responsável por amenizar as enxaquecas da Rainha Catarina de Médic. Daí em diante se espalhou por todo o mundo desenvolvendo diferentes formas de consumo. Apesar da expansão cultural do consumo de tabaco, o fumo de corda não foi popular entre as elites europeias, preferiam o consumo em pó, conhecido como rapé, também de origem indígena.

Até meados do século XIX o fumo brasileiro tinha três objetivos comerciais que variavam de acordo com sua qualidade. O produto de melhor qualidade era exportado para a Europa já em forma de pó, o de qualidade mediana exportado para a África em troca de escravos, e por último o de qualidade inferior era destinado ao consumo interno. Esses dois últimos comercializados na forma de corda (HILSINGER, 2016).

O fumo começa a ser participativo na economia de Minas Gerais a partir de 1720 devido a descoberta do ouro com que fez que a Bahia e Pernambuco não atendessem totalmente a demanda comercial. Segundo Nardi (1996) a cultura de fumo encontrou condições propícias nas regiões que englobam a bacia do Rio Grande.

São poucas as fontes que relatam as características produtivas do fumo de corda durante o período colonial em Minas Gerais, a maioria trata exclusivamente de questões relacionadas ao comércio. Lapa (1968) considera a produção de fumo como lavoura dos pobres e lavouras de fundo de quintais devido ao modelo de produção peculiar que diferenciava das *plantations*. A peculiaridade da fumicultura se dava pelas pequenas áreas de posse de famílias com pouco recurso.

Caio Prado Júnior (1961) justifica o aspecto de dimensão reduzida da produção de fumo de corda devido ao cuidado individual necessário com cada folha de tabaco (cultura de jardinagem) impossibilitando a produção em larga escala.

Em 1850 acontece o que Nardi (1996) vai chamar de primeira revolução fumageira. Nesse período a produção baiana se volta para atender a crescente demanda de tabaco em folha para a confecção de charutos. O sul do Brasil também começa a produzir um novo tipo de folhas mais claras de origem norte-americana voltada para confecção de cigarros industriais.

A partir da revolução, Nardi (1996) divide as regiões brasileiras em três diferentes tipos especializados de tabaco:

- A região sul voltada para produção de folhas claras (Virginia e Barly) para fabricação de cigarros;
- A região que contempla parte da Bahia e de Alagoas, voltada para a produção de fumo em folhas escuras para confecção de charutos e cigarros;
- Região que contempla todo os demais Estados, com destaque para Minas Gerais, voltada para a produção do fumo de corda.

O fumo de corda começa a cair em desuso durante as primeiras décadas do século XX, o processo de concentração agrícola e industrial durante esse período fez com que a produção fumageira diminuísse em quase todos os estados do Brasil, em contrapartida aumenta drasticamente nos Estados da Bahia e Rio Grande do Sul por ser voltada para a indústria. Durante os anos de 1950 a 1990 a taxa de urbanização cresceu absurdamente no território brasileiro, o êxodo rural afastou ainda mais o contato com o fumo de corda, durante esse período, a produção do fumo de corda diminuiu sua participação na produção nacional de derivados do tabaco, além da criação de políticas públicas de controle sobre seu consumo no Brasil (BARRETO, 2018).

Apesar dá criação de políticas públicas de controle sobre o consumo de tabaco no Brasil e de acordo com o último Censo Agropecuário realizado pelo IBGE em 2017, o município de Perdões é o 9º maior produtor de fumo do estado de Minas Gerais, com um total de 8 toneladas de fumo produzidos por ano. A área plantada de 10 hectares, com rendimento médio de 800 kg por hectare plantado (IBGE, 2017).

Etapas da Produção de Fumo de Corda pelos Produtores de Perdões, MG

De acordo com os questionários e entrevistas realizadas com os produtores de Perdões-MG, esse tópico busca descrever de forma breve e sucinta as principais etapas

desde a semeadura até a confecção das cordas prontas para o consumo. Como posto antes, o fumo de corda exige uma cultura de jardinagem para que haja qualidade no produto final, entretanto com as novas tecnologias disponíveis, graças a modernização do campo brasileiro, algumas dessas etapas são facilitadas.

Semeadura

Na primeira etapa já é possível identificar alterações advinda da influência agroindustrial, quase metade dos produtores entrevistados comentaram a disponibilidade de mudas de fumo nas lojas agrícolas da região. O fumo necessita da produção de mudas com posterior transplante para o campo, os produtores mais tradicionais ainda elaboram suas próprias mudas (Figura 3).

Figura 3: Mudanças sendo preparadas em um lote ao lado da casa do produtor



Fonte: Acervo dos produtores disponibilizados durante as entrevistas. Registro da produção de 2016.

Visto que o tamanho das sementes é pequeno (um grama é equivalente a dez mil sementes em média), é necessário misturá-las com cinza de fogão a lenha coada para possibilitar a semeadura. O recomendável é que se utilize cinco litros de cinza para cada meio copo de sementes de fumo. As mudas devem ter espaçamento de 20 cm entre elas e 80 cm entre as fileiras, também é preciso o uso de tela sombrite 70%. Estão prontas para o plantio quando atingirem altura média de 30 cm.

Plantio

As mudas devem ser postas com espaçamento de 80 cm entre elas e 100 cm entre as fileiras. Nessa etapa o cuidado com pragas é essencial e algumas delas podem comprometer o manuseio com as folhas no momento da confecção das cordas. As mais comuns listadas pelos produtores da região são piolhos, pulgões, mandruvás, requeima e o popularmente chamado fogo selvagem (pênfigo). É nos primeiros meses do plantio que a maioria dos produtores pulverizam as folhas na tentativa de anular as consequências das pragas descritas acima.

Cerca quatro meses depois do transplante das mudas se faz necessário o uso de práticas denominadas capaço e desbrota, elas são indispensáveis para evitar que as substâncias nutritivas se dispersem pelos órgãos da planta.

A capaço consiste na retirada do pendão floral e logicamente, é eliminada a gema apical, que é responsável por uma alta concentração de auxinas, principalmente o ácido indolacético, que inibe a emissão de brotações laterais. Por conseguinte, há, após a retirada do pendão floral, emissões de brotos laterais vigorosos que irão competir por substâncias nutricionais e de desenvolvimento, com as folhas. (LUCCHESI, 1978, p. 2)

O crescimento dos brotos laterais consequente da capaço, como evidência Lucchesi (1978), exige a atividade de cultura de jardinagem ou o uso de fito-reguladores, agrotóxico popularmente chamado de anti-brotante. A primeira desbrota ocorre aproximadamente quinze dias após a capaço e deve ser realizada durante os próximos meses até que as folhas estejam prontas para serem postas nos andaimes.

O trabalho de jardinagem decorrente de tirar os brotos de folha por folha requer uma mão-de-obra atenciosa e que esteja presente nas lavouras quase que diariamente. A desbrota é necessária para garantir a “fortidão” do produto, porem ultimamente é mais comum o uso do anti-brotante. O agente químico melhora o rendimento da produção por diminuir os custos, facilitar a expansão da quantidade de pés de tabaco e diminuir prováveis brotos despercebidos pela desbrota manual.

Para fortalecer a qualidade das folhas, é importante também que se faça a capina da área de plantio constantemente para que não ocorra competição de nutrientes com plantas daninhas.

Preparo das folhas

No momento em que estão maduras o suficiente para serem manipuladas, as folhas são apanhadas e separadas de acordo com fortidão. A planta disponibiliza seus nutrientes de forma diferente ao longo de suas folhas, para padronizar a qualidade das cordas, os produtores as separam em três categorias diferentes. As de melhor qualidade são encontradas na parte superior da planta, as de qualidade mediana na altura central da planta, e por último, as folhas presentes na parte inferior da planta que são descartadas. Portanto é feito duas qualidades diferentes de cordas de fumo, um mais forte e outro mais fraco.

Figura 4: Secagem das folhas de fumo.



Fonte: Acervo dos produtores disponibilizados durante as entrevistas. Registro da produção de 2008.

Esse processo se difere do realizado por outros métodos de consumo de tabaco, o fumo que é destinado à indústria fumageira, não seleciona suas folhas e em muitos casos replantam os talos gerando uma qualidade muito inferior as do primeiro plantio, essa prática prejudica a “fortidão” do produto em troca de maior rendimento da produção.

As plantas são postas em andaimes expostos ao tempo, depois as folhas são separadas e colocadas nos estaleiros (Figura 4).

Confeção das cordas

Essa etapa se inicia com a atividade de estalagem, o processo exige uma mão-de-obra especializada que corresponde a prática de remover os talos das folhas. Após estaladas, as folhas são trançadas e prensadas com o auxílio de ferramentas e mecanismos manuais (Figura 5).

Figura 5: Produtor e trabalhadores "coxando" o fumo.



Fonte: Acervo dos produtores disponibilizados durante as entrevistas. Registro da produção de 1998.

Com as cordas já confeccionadas e postas em rolo, é preciso que sejam viradas enquanto são expostas ao sol, o processo de “viração” inicialmente deve ser feito todo dia, à medida que as folhas vão secando diminui-se a frequência, os rolos estão prontos para o consumo quando o fumo está homogeneamente seco para o consumo (Figuras 6 e 7).

Figura 6: Produtor "virando" o fumo.



Fonte: Acervo dos produtores disponibilizados durante as entrevistas. Registro da produção de 1998.

Figura 7: Fumo secando após uma 'virada'.



Fonte: Acervo dos produtores disponibilizados durante as entrevistas. Registro da produção de 1998.

Perfil dos Produtores e Estratégias de Resistência

Os produtores de fumo de corda do município de Perdões desenvolveram importantes estratégias para se manterem ativos no mercado fumageiro. A produção contempla a agroindústria familiar, forma de produção bastante comum entre os agricultores de Minas Gerais, e se demonstra importante para a economia da cidade. De acordo com os entrevistados o uso do fumo de corda está diminuindo entre os consumidores, é mais comum apenas entre as gerações mais velhas, o mercado vem perdendo espaço para a indústria fumageira (atrelada principalmente a partir dos anos 60 ao pacote tecnológico advindo da revolução verde), tanto os cigarros de filtro quanto os de palha prontos são cada vez mais consumidos.

A integração da agricultura com outros setores econômicos culminou em consequências que impactaram diretamente o arranjo dos mercados locais. Porto-Gonçalves (2012) ao tratar sobre o assunto refere os diversos prejuízos advindos do presente modelos:

Estamos diante, pois, de um modelo agrário/agrícola que não só tende para a concentração fundiária e de capital como, pela exigência elevada de capital que coloca, impede a própria democratização do modelo, além de diminuir sensivelmente a mão-de-obra empegada, e, também, a participação do trabalho na distribuição de renda nesse complexo modelo produtivo como um todo. (PORTO-GOLÇALVES, 2012. p. 59).

Neste novo modelo produtivo, tornou-se necessário uma reestruturação das famílias tipicamente agrícolas intencionada por novas estratégias que garantissem a atividade comercial. Isso pode ser confirmado pelos dados coletados que mostram que nenhuma das famílias pesquisadas tem a produção de fumo de corda como única fonte de renda e de trabalho de seus membros.

Da Silva (1997) descreve duas transformações fundamentais no meio rural:

- Divisão do trabalho na qual os membros da família possuem diferentes atividades produtivas.
- Horizontalização da produção advinda da modernização, onde a atividade é conduzida individualmente graças a terceirização e disponibilidade de novas tecnologias, possibilitando o primeiro item e talvez a pluriatividade do indivíduo.

Segundo Silva (2013), essas estratégias possibilitaram o surgimento de um novo fenômeno cada vez mais comum na agricultura familiar, as chamadas famílias pluriativas. Schneider (1994) alerta que esse fenômeno já fora objeto de preocupação de autores clássicos dos estudos agrários como Chayanov e Kautsky.

O termo se refere às famílias das quais seus membros exercem diferentes atividades econômicas. Essa dinâmica contrasta com a estrutura tradicional onde o *modus* operante é passado de pai para filho durante as gerações.

Os novos paradigmas da agricultura moderna advindos da “revolução verde” entendem o campo como um espaço de apenas de reprodução do capital e não levam em conta as ações sociais, políticas e culturais do campo brasileiro.

O fumo de corda contempla profundamente a necessidade do produtor familiar de modificar sua relação tradicional com o espaço para adaptar aos paradigmas impostos pelas novas estruturas do mercado que é orientado principalmente para a exportação e a produção de cigarros. Por configurar-se como produto artesanal devido ao seu método de produção, a dependência crescente da indústria e a informalidade são os principais fenômenos que atingem a dinâmica tradicional de produção do fumo de corda.

Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente a mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. (UNESCO, 1997, apud BORGES, 2012: p. 21).

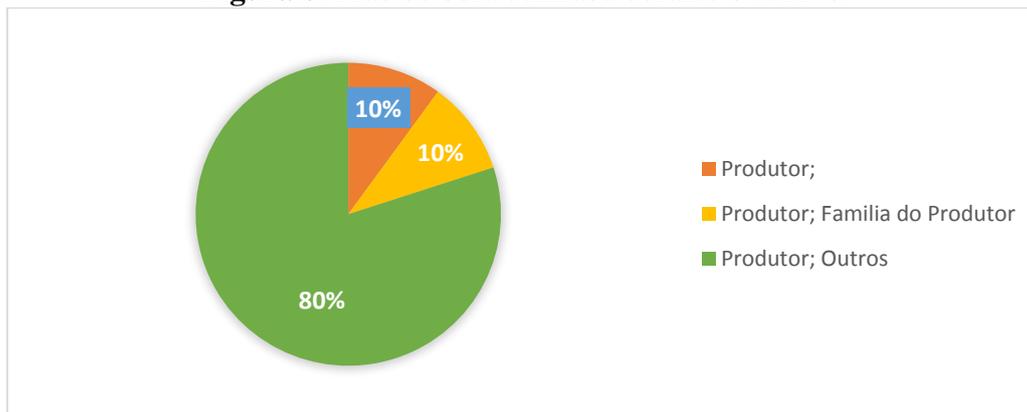
Mesmo que as estratégias de certa forma cumpram os objetivos que se referem ao produtor, não apresentam efeito considerável no que se trata da conservação da cultura e do método pouco alterados durante o vasto período de sua comercialização

Quanto à produção ela mostrou-se notavelmente rentável, média de três a cinco salários mínimos por produtor, tanto por ser manter na informalidade quanto por seu aproveitamento por área e baixo custo de investimento. Entretanto, as condições de informalidade somadas à difícil conquista do mercado consumidor desestimulam o interesse por novos produtores. As novas oportunidades de horizontalização não só da cadeia produtiva mas também das atividades familiares vão de encontro com as complicações provocadas pelas próprias estratégias de competição mercadológica.

A figura 8 aponta a falta de participação familiar na atividade de cultivo do fumo. Dos dez produtores entrevistados apenas um declarou que alguém da família trabalha com

o cultivo. É importante ressaltar que o produtor tido como exceção é o mais velho dos entrevistados, 85 anos, e o que menos produz, em média 20 arrobas por ano. Diferente da faixa etária média de 59 anos, as gerações envolvidas na atividade produtiva deste produtor em específico diferem das envolvidas com a modernização do meio rural discutidas anteriormente.

Figura 8: Mão de obra utilizada durante o cultivo.

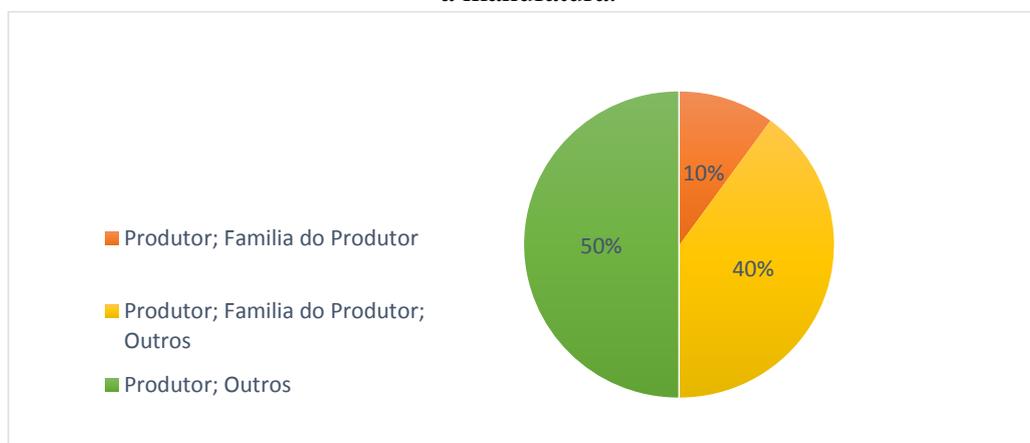


Fonte: Questionários.

Apesar dos dados adquiridos por meio dos questionários aplicados indicarem a falta da participação familiar na atividade produtiva, todos os produtores relataram que a inserção na atividade se deu por meio de suas famílias que tradicionalmente utilizavam do fumo de corda como fonte de renda.

No que se refere as etapas de manufatura do fumo de corda, observa-se maior participação familiar nas atividades:

Figura 9: Mão de obra utilizada pelos produtores de fumo de corda em Perdões durante a manufatura.



Fonte: Questionários.

Na etapa de manufatura, o aumento da participação familiar pode ser explicado pelo curto período de realização de alguns procedimentos que permitem que as atividades exercidas pelos outros membros da família continuem sem grandes problemas. Dentre os procedimentos de maior participação familiar podem-se destacar o de estalagem e o denominado ato de “coxar”. Os dois procedimentos são realizados normalmente no período de agosto a setembro e dispõem de fácil adequação com os horários disponíveis dos membros.

Além dos produtores e suas famílias, a mão-de-obra para a manufatura é paga por quilos produzidos e necessita de habilidades manuais bastante restritas para que o produto final apresente boa qualidade. Mulheres em sua maioria, a mão-de-obra procurada principalmente no processo de “coxa” necessita de um trabalho delicado para não prejudicar o produto final, por R\$ 2,50 reais por quilo os trabalhadores conseguem produzir 30 quilos por dia, o que no total R\$ 75,00 reais por dia.

É comum observar garagens e galpões abertos durante a tarde nos quais ocorre o processo de “coxa” do fumo de corda em Perdões. As relações do produtor com a mão-de-obra são próximas e apresentam certa tradicionalidade devido ao grau de parentesco ou de vizinhança, também é presente a valorização por parte do produtor da mão-de-obra familiarizada com sua forma de produção.

A caracterização das famílias dos produtores de fumo de corda na região como pluriativas, ajuda a compreender os vetores de influência no perfil de produção tanto na escala local como global. Dentre os principais fenômenos citados por Da Silva (1997) que impulsionaram a possibilidade de um arranjo pluriativo, alguns estão estritamente relacionados com a estrutura produtiva do fumo de corda. Entre eles o desmonte das unidades produtivas onde algumas etapas da produção que passam a ser executadas por terceiros; o crescimento de empregos técnicos e qualificados no meio rural; a especialização produtiva crescente; o surgimento de empresas prestadoras de serviços com ênfase no espaço rural; e o avanço do transporte e dos meios de comunicação.

Apesar do fumo ainda manter uma estrutura artesanal, na qual não há um padrão de produção, se torna cada vez mais comum o uso de defensivos químicos e a disponibilidade de mudas à venda nas lojas agropecuárias da região, entretanto o auxílio técnico é pouco presente nas etapas produtivas. Além das mudas prontas, a terceirização das etapas tanto da produção quanto da comercialização também é notada por

atravessadores e produtores arrendatários de terra. No que diz respeito ao transporte e meios de comunicação, possibilitam às famílias pluriativas a residirem na região urbana de Perdões, flexibilizando as opções de atividades econômicas.

A informalidade da produção e a falta de informação somadas com a possibilidade de acesso a técnicas agroindustriais não asseguram a qualidade do produto, a salubridade do produtor e nem a segurança e saúde do consumidor. O setor informal é definido por Wilkinson e Mior (1999) como uma atividade que não aderem às normas e regulamentações relacionadas ao setor que opera.

A regulamentação dos produtos artesanais é um extenso assunto de discussão no Brasil, o principal argumento que embasa a necessidade de padronizar e assegurar a qualidade desse tipo de produto está relacionado com a segurança do consumidor. No entanto, as condições exigidas não condizem normalmente com as diferentes realidades dos produtores, é comum que esses requisitos não sejam alcançados por fatores como custo de investimento e alterações desarmoniosas com o caráter artesanal na cadeia de produção.

A produção informal, nas diferentes etapas, seja na produção agrícola, no processamento ou na comercialização, trata-se de um mundo de produção e consumo que combina produção própria, venda entre vizinhos, e colocação de produtos em diversos pontos de vendas nas pequenas cidades e na periferia das cidades de porte médio, o que em sua grande maioria das vezes ocorre baseado no prolongamento de laços pessoais e relações de parentesco. (OLIVEIRA; MELO, 2006, p. 12)

A relação de familiaridade com o mercado consumidor é uma condição importante para assegurar a qualidade do produto. Ela permite que a segurança da qualidade seja perpetuada na escala local, essa dinâmica faz com que a produção artesanal tenha melhores chances contra uma regulamentação que não as contemplam.

Hoje, a regulamentação dos mercados se constituiu num terreno privilegiado de definição de interesses entre os distintos atores, tanto na produção como no consumo. A negociação em torno das regras e normas do mercado não se reduz a critérios neutros de eficiência e/ou interesses públicos de saúde e higiene. Acima de tudo trata-se de uma negociação fundamental sobre o que deve ser incluído no âmbito do mercado, e em segundo lugar, sobre os valores que devem regular estes mercados, sobretudo a respeito dos tipos de produtores e consumidores que devem ser incluídos. (WILKINSON; MIOR, 1999, p.4).

Diversos autores se dedicaram a discutir formas de regulamentar a produção que estejam mais próximas da realidade da produção artesanal. De acordo com as ideias de

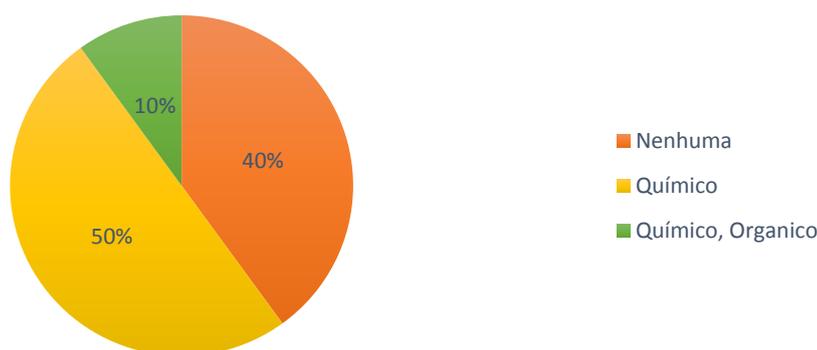
Navarro (2001), a regulamentação deve passar por uma construção democrática e de participação popular no meio rural.

Houve uma iniciativa de estruturar uma cooperativa de fumo de corda em Perdões, entretanto desavenças e a falta de interesse de alguns produtores não permitiram sua formação. A articulação entre os produtores é um desafio para promover melhores condições em comum. A competição desenvolveu um princípio de territorialidade do mercado consumidor, que além de pequeno, mantém relações de proximidade com o produtor. O “atravessador” é uma forma que alguns encontraram de não se preocuparem com a etapa da comercialização, dispensando, portanto, as complicações diretas da competição por estabelecimentos, padarias, tabacarias e pequenos mercados, de revenda do fumo.

Como os produtos produzidos e comercializados a partir do setor informal são aceitos e apreciados pelos consumidores, os autores argumentam que no caso de regulação da fabricação e do comércio esta deve privilegiar a manutenção deste mercado para a agricultura familiar. Para isto novos critérios de qualidade, ou *padrões de coordenação*, que possibilite segurança aos consumidores, mas sem a exclusão da agricultura familiar, devem ser negociados. (OLIVEIRA; MELO, 2006, P. 12).

É importante apontar que nenhum órgão público da cidade contém qualquer tipo de informações sobre a produção do fumo de corda, dos dez produtores apenas dois relataram alguma assistência técnica.

Figura 9: Uso de agrotóxicos pelos produtores de fumo corda em Perdões.



Fonte: Questionários.

O uso de agrotóxicos é uma forma de facilitar o manejo com o plantio, porém também é uma forma de subordinar o produtor ao capital, e seu acesso por produtores familiares do setor informal é preocupante. A utilização desse tipo de produto apresenta

sérios riscos, não só para saúde humana como também para o ambiente, principalmente quando não há assistência técnica (Figura 9).

A intensidade do uso de agrotóxicos é crescente devido a seleção natural das espécies prejudiciais, além de aumentar a dependência do mercado de insumos, produtores que optam por não usa-los tem suas plantações fortemente atacadas.

O uso do agrotóxico condiz com a interação da agricultura com a indústria articulada pela modernidade do campo. De acordo com as ideias de Wilkinson (1997), é necessário que produtos artesanais, para resistir a indústria, desenvolva diferentes noções de qualidade. O autor defende que as novas noções de qualidade devem ser baseadas em inovações organizacionais de ação coletiva; incorporação de novas práticas com baixa utilização de insumos adquiridos pelo mercado, o desenvolvimento de alternativas às formas tradicionais de inserção ao mercado; novos conhecimentos gerenciais e mercadológicos. Para Wilkinson (1997), o mercado deve levar em consideração a análise das redes sociais nele envolvidas. Essa nova abordagem permite a construção de novas noções de qualidade associados ao artesanal, familiar e ao valor ambiental.

A tentativa falha da realização da cooperativa entre os produtores de fumo de Perdões demonstra a dificuldade de organizar ações coletivas, as articulações dessas ações são complexas devido as diferentes realidades e interesses de cada produtor.

A aquisição de insumos também é cada vez mais comum entre os produtores e indica maior dependência da indústria.

Para ser eficiente na agricultura moderna, é preciso renunciar a saberes tradicionais e apropriar-se de outros, levando à perda do controle do processo em sua totalidade, criando dependência do(s) técnico(s). É através da relação mediada pelos técnicos que se produzem a dominação e a expropriação. (GEHLEN, 2004, p. 96).

Como estratégia de facilitar a inserção ao mercado, alguns produtores já têm a venda da mercadoria toda garantida para os atravessadores ou confeccionadores de cigarros de palha, em Perdões, há 06 estabelecimentos (IBGE, 2017). Apenas um produtor declarou que realiza a fabricação de cigarros de palha com o fumo de corda.

A prática de confeccionar cigarros de palha prontos para o mercado em escala regional ainda é incomum entre os produtores. Em alguns pontos de comercialização ainda é vendido cigarros de palhas caseiros, porem a maioria de seus fabricantes são atacadistas de fumo em rolo. Os cigarros de palha caseiros garantem a vantagem de burlar

os altos impostos estabelecidos para a indústria, em contrapartida não conseguem alcançar a quantidade de produção tão significativa quanto o cigarro industrial.

A popularização do cigarro de palha não trouxe benefícios para os produtores de fumo de corda, os industriais não utilizam o utilizam como matéria-prima, é mais comum o manuseio de folhas inteiras ou trituradas. A indústria de cigarros “*Paerinho*” se destaca por ser a principal formalizada na região, apesar de também realizar a atividade de “atravessador”, não confecciona seus cigarros com o fumo de corda.

O desenvolvimento de políticas públicas como ação de proteger e valorizar a produção artesanal é ainda mais complicada pelo produto se tratar de um derivado do tabaco. Apesar do brasão de Perdões destacar a importância do fumo para a economia da cidade, nenhuma ação parece ser feita por parte das instituições públicas em sua defesa.

O produtor familiar de tabaco em regiões em que a produção é destinada à indústria já demonstram sérios problemas socioeconômicos. Diversos estudos apontam a exploração e insalubridade dos produtos pela indústria do tabaco, principalmente no sul do Brasil. A apropriação industrial ainda não é totalmente presente nos produtores perdoenses, o que faz com que seu modelo de produção se demonstre em transição do tradicional para o agroindustrial.

Muller (2001) documenta a situação dos produtores de fumo da cidade de Santa Rosa de Minas, SC. O auge da integração agroindustrial por volta dos anos 1980 desencadeou o abandono do fumo de corda entre os produtores da cidade para servir a indústria fumageira.

A ucltura do fumo, embora já conhecida pelos agricultores e plantada principalmente com o objetivo da confecção artesanal do “fumo de corda”, era pouco expressiva em termos econômicos e em volume produzido e também prescindia da utilização de insumos externos no seu cultivo. O fumo de estufa, no entanto, foi introduzido por intermédio da integração agroindustrial e difundido na forma de “pacote”, ou seja, a empresa fornecia todos os insumos necessário à produção (sementes, adubo químico e agrotóxicos), além da assistência técnica (MULLER, 2001, p. 109).

De acordo com as ideias de Muller (2001), a transição do modelo tradicional para o agroindustrial concebe ao produtor familiar um papel de espectador, e não protagonista, das mudanças acerca de sua produção. Portanto, o conhecimento historicamente acumulado pelo produtor tradicional é renegado em troca de melhores condições de estabilidade produtiva.

Considerações Finais

Os próprios produtores visualizam um péssimo cenário para o futuro da cultura do fumo de corda, pois segundo eles a qualidade de seus produtos são trocadas pela praticidade do cigarro pronto. Contudo, o decrescente e pequeno espaço para o fumo de corda no mercado é consequência de uma série de fatores, além da real procura por produtos de maior praticidade, que contemplam estilo de vida contemporâneo.

As noções de qualidade da produção contempladas pelas gerações mais velhas estão sendo reformuladas, os novos produtores carregam características de um empreendedorismo mais articulado às novas tendências do mercado agroindustrial. A característica transitória entre o modelo de produção tradicional para o moderno presente na produção do fumo de corda em Perdões não é construída de modo que seja preservado os saberes tradicionais antes passado entre as gerações.

A abstenção de conhecimentos tradicionais abre espaço para a valorização dos paradigmas modernos e apresenta um risco para o modo de produção artesanal. A dependência de insumos industriais leva o produtor a uma situação de coadjuvante de seu processo produtivo. A terceirização de algumas etapas do processo somada a forma pluriativa das famílias agrícolas intensificam o avanço da modernização da produção. Entretanto a dinâmica de modernização vigente faz com que a estrutura transitória da produção não seja construída de forma que proteja a qualidade e autenticidade de um produto artesanal.

É importante que os produtores tradicionais desenvolvam estratégias para que a produção seja capaz de competir com a indústria fumageira, entretanto elas devem ser construídas de forma que não se submetam as noções de competitividade impostas pela a modernização unilateral do campo brasileiro.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ivan Farias. Tabaco: a construção das políticas de controle sobre seu consumo no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 1-15, 2018.

BORGES, Adélia. Design + Artesanato: O caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CARVALHO, Maria Rosário de; CARVALHO, Ana Magda. Índios e caboclos: a história recontada. Salvador: EDUFBA, 2012.

DA SILVA, José Graziano. O Novo Rural Brasileiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 43-81, 1997.

ESTADO DE MINAS. **Distrito de Perdões**. p. 1757. 12. nov. 1905. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=116179&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GEHLEN, Ivaldo. Políticas públicas e desenvolvimento social rural. **São Paulo em Perspectiva**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.95-103, 2004.

GONÇALVES, Claudio Ubiratan. A Geografia do Ethos Capitalista no Cariri Cearense. **Caderno do CEAS: Revista crítica de humanidades**, Salvador, n. 223, p.69-80, 2016.

HILSINGER, Roni. **O Território do Tabaco no Sul do Rio Grande do Sul Diante da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo Agro: resultados definitivos 2017**. Resultados Definitivos 2017. 2017. Disponível em: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html. Acesso em: 13 ago. 2020

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2019. Disponível em: <https://cidades2019.ibge.gov.br/templates>. Acesso em: 14 ago. 2020.

LAPA, José Roberto do Amaral. Esquema para um estudo do tabaco baiano no período colonial. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 6/7, p.83-90, 1968.

LUCCHESI, A. A.; COSTA, J. D.; FLORENCIO, A. C.; FRANCO, J. F. Influência do butralin como anti-brotante em cultura de fumo (*Nicotiana tabacum* L. cv. 'Goiano'). **Anais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz**, Piracicaba, v. 35, p.283-296, 1978.

MULLER, Jovania Maria. **Do tradicional ao agroecológico: as veredas das transições - o caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/SC**. 2001. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

NARDI, Jean-Baptiste. O Fumo Brasileiro no Período Colonial: Lavoura, Comércio e Administração. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NAVARRO, Zander. Desenvolvimento Rural no Brasil: Os limites do passado e os caminhos do futuro. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 4, p.83-100, 2011.

OLIVEIRA, Daniela; MELLO, Márcio Antônio. Novas Formas de Inserção da Agricultura Familiar ao Mercado como Estratégia de Desenvolvimento Rural. *In: CONGRESSO DA SOBER*, 44, 2006, Fortaleza. **Anais [...]**, Fortaleza: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo: Brasil colônia. São Paulo: Brasiliense, 1961.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PERDÕES. **Dados Gerais**: história. 2020. Disponível em: <https://www.perdoes.mg.gov.br/dados-gerais>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura: A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SCHMIDT, Carlos Daniel Seifert. **Necessidade hídrica da cultura do fumo (*Nicotiana tabacum L.*) tipo Sumatra cultivado em ambiente protegido no Recôncavo da Bahia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2008.

SCHNEIDER, Sérgio. O desenvolvimento agrícola e as transformações da estrutura agrária nos países do capitalismo avançado: a pluriatividade. **Revista Reforma Agrária**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 106-132, 1994.

SILVEIRA, Paulo Roberto C.; HEINZ, Clóvis Ubiratã. Controle de Qualidade Normativa e Qualidade Ampla: Princípios para Re-estruturação e Qualificação da Produção Artesanal de Alimentos. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL E AGROINDÚSTRIA FAMILIAR*, 1, 2005. São Luís Gonzaga. **Anais [...]**, São Luís Gonzaga: UFSM, 2005.

WILKINSON, Jonh. Mercosul e produção familiar: abordagens teóricas e estratégias alternativas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 8, p.25-50, 1997.

WILKINSON, John; MIOR, Luis Carlos. Setor informal, produção familiar e pequena agroindústria: interfaces. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p.29-45, 2013.

Recebido em 19/11/2019. Aceito para publicação em 15/07/2020.
--